

EM TEMPOS DE PANDEMIA: FAMÍLIA, ALFABETIZAÇÃO E CULTURA ESCRITA

ALRENY LIMA DA ROCHA¹
ELIZABETH OROFINO LUCIO²

RESUMO

Este artigo resulta em um estudo de caso, onde o mesmo decorre das observações e reflexões que cercam o processo alfabetização e apropriação da escrita de uma criança de 6 anos no cenário mais rigoroso da pandemia da Covid-19, e tem como objetivo mostrar os desafios e as possibilidades de intervenção encontradas pela família como mediadora do processo de alfabetização, em meio a um cenário de isolamento social, evidenciando a potência da constituição de um ambiente alfabetizador. Propõe-se aqui uma reflexão a partir da experiência da família. Como transformar o ambiente doméstico em ambiente alfabetizador e o quão pode ser valioso na ampliação e aprimoramento da capacitação da criança na apropriação da cultura escrita. As estratégias e métodos de trabalho adotados tem como aporte teórico os seguintes autores de diferentes bases teóricas: FERREIRO (2011), SOARES (1994), SMOLKA (2012), buscamos consolidar o entendimento que a leitura e a escrita requerem sobretudo um olhar atento: à mobilização e à conexão do conhecimento, à vida, às necessidades dos sujeitos que aprendem e dos sujeitos que ensinam, neste caso especificamente em tempos de Pandemia.

Palavras-chave: Ambiente alfabetizador; Família; Pandemia; Alfabetização; Escrita.

1 Especialista em Administração, Coordenação, Gestão e Inspeção Escolar. Coordenadora Pedagógica dos Anos Finais do Ensino Básico, nyrarochoa33@gmail.com;

2 Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Instituto de Ciências da Educação - ICED, na Universidade Federal do Pará – UFPA, orofinolucio@ufpa.br;

INTRODUÇÃO

Nossa primeira experiência como ser humano acontece em família, independentemente de nossa vontade é a família quem nos dá nome e sobrenome, quem determina nosso status social e nos prepara para nos inserirmos nos outros grupos sociais que permeamos ao longo da vida. Portanto, a família é o primeiro ambiente de formação moral, psíquica, social e espiritual da criança, Vygotsky já dizia que a relação familiar garante à criança pequena a apropriação de hábitos, culturas e também faz com que a criança consiga sobreviver por meio da atenção de suas necessidades básicas, mais emergentes (VIGOTSKI, 1994). Isto não mudou, ainda que tenhamos observado neste século a diversificação da constituição das famílias, esta célula social. Ela está diretamente ligada as atitudes comportamentais da criança e independente da configuração de sua família, a criança aprende e incorpora valores éticos e morais. É onde são vivenciadas experiências afetivas, representações juízos e expectativas. O processo de apropriação da cultura escrita está inserida nesse bojo. Neste caso de família de constituição convencional (pai, mãe e filho), numa relação consciente da interação com o a Escola, pois aqui, a família constitui-se de pais professores de formação e ambos habituados a leitura desde a infância, favorecem á criança de forma não planejada (pedagogicamente) a inserção neste universo da alfabetização.

A escola por sua vez exerce aqui um papel não menos importante, pois o espaço escolar permite as crianças a oportunidade de iniciar contatos com pessoas e hábitos diferentes de sua casa. Observa-se aqui a participação da família na Escola numa relação formal e relativamente distante no que diz respeito a interação de práticas pedagógicas exercitadas pelo aluno em casa e as estabelecidas pelo sistema da escola. Entretanto com o advento da pandemia do Covid 19, houve a necessidade de assunção pela família do ensino proposto pela escola. Diante disso mostra-se que a família elegeu a literatura como foco de superação das lacunas que poderiam ter sido deixadas pelas consequências do isolamento social que hora os privou de ter contato com escola.

Em Santa Izabel do Pará, normalmente as escolas tem um contato próximo e informal com a família por ser um lugar relativamente pequeno e grande parte serem conhecidos uns dos outros, o que não garante que o aluno de pais “conhecidos” da escola tenha sucesso

escolar. E então no que tange a relação formal de família e escola, tem sido estimuladas principalmente a partir de sistemas de ensino adotadas pela escola ou de programas do governo federal que estabelecem a realização de ações e eventos que aproximem essas duas instâncias num esforço de incrementar a participação dos pais na vida escolar do aluno. E o contexto da pandemia do covid 19 a vida escolar do aluno foi para dentro da casa assumido pela família. E assim, destacamos, aqui que assumir o processo de alfabetização e escrita sem o ambiente escolar, exigiu investigação científica, criatividade na hora de concretizar as atividades e transformar os espaços domésticos em ambientes alfabetizadores. Pois não existe na cidade biblioteca pública estava desativada, nem a escola onde este iniciante leitor estuda possui sala de leitura ou biblioteca. Isso demandou buscar elaborações conceituais, presentes em diferentes referenciais, que implicaram na formação de atitudes investigativas viabilizadas pelos espaços domésticos, hora transformados em ambientes consultivos como apoio à trajetória de apropriação da linguagem matemática, oral e escrita. Outrossim buscase mostrar a diversidade de oportunidades otimizando os ambientes domésticos, oferecendo a criança possibilidades de desenvolvimento transdisciplinar, pois de acordo com o conhecimento que é oferecido aumentam também as requisições investigativas desse aluno/filho gerando novas exigências e discussões conceituais e de procedimentos. Vale ressaltar que no bojo da transdisciplinaridade outrora citada, destaca-se a linguagem numérica além da linguagem oral e escrita a qual no percurso necessitou-se evidenciar.

Por fim mostramos aqui alguns resultados das vivências, incursões e reflexões a partir do acompanhamento dos primeiros passos de uma criança de 6(seis) anos que conseguiu nesse período crítico de Pandemia da covid 19 produzir livros” reproduzir cenas de livros, criar histórias e escreve-las de sua maneira e entendimento dessa linguagem tão essencial o caminhar em direção a apropriação da linguagem escrita que não necessariamente iniciou no período crítico pandêmico, mas intensificou-se com as necessidades que o momento exigia diante do olhar da família que precisou articular os desafios vividos relativos à alfabetização e suas interfaces.

METODOLOGIA

Como metodologia principal utilizamos a pesquisa bibliográfica dos autores: Emilia Ferreiro, Ana Luiza Smolka, Ana Teberosky, escolhidos por possibilitarem uma aproximação estreita e pontual dando-nos visão geral e específica sobre o que foi produzido e qual a evolução da abordagem que conseguimos detectar como problemática. Ancorados nas fontes de pesquisas e a que se propõem, definimos como fontes principais as obras: PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA E REFLEXÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO. A partir da premissa de busca: O papel da família na alfabetização, nos sítios, revistas, nas formações virtuais – *LIVES*, sobre o assunto que se tornaram abundantes no período pandêmico mais crítico, conseguimos ter noção de referenciais bibliográficos que nos subsidiaram. Porém encontramos também discussões tangenciais que não aprofundam ou deixam lacunas no entendimento da temática, todavia serviram para lapidar nosso foco à medida que praticávamos atividades diárias de alfabetização. Passamos então a organizar registros fotográficos, escritos e as produções que nasceram com o percurso formativo daquela criança.

Em relação à análise e tratamento dos materiais bibliográficos e produzidos, servimo-nos das contribuições de PINHEIRO LACERDA, Emilia Ferreiro, ANA TEBEROSKI, MITSU PINHEIROLACERDA, SMOLKA, EMILIA FERREIRO, MAGDA SOARES (autores) Bakhtin.

REFERENCIAL TEÓRICO

A alfabetização implica leitura e escritura que vejo como momentos discursivos (SMOLKA, 2012). O processo de apropriação da leitura e da escrita pela criança vem há tempos sendo o objeto de estudos e pesquisas. O que fez nos debruçarmos nestas questões, foi especificamente a resposta que precisamos dar a suspensão do ensino presencial advindo com a Pandemia da Covid-19, quando o aluno a nosso ver consolidaria a apropriação da linguagem escrita. Nossa abordagem do processo de alfabetização, da criança em uma escola que se desenvolveu nos últimos dois anos, se deu especificamente em Santa Izabel do Pará, município que faz parte da região metropolitana da capital do Estado, Belém do Pará, situado na região nordeste paraense da Amazônia Oriental, com uma população aproximada em 73.000 habitantes (IBGE, 2021), distribuída

nos seus 717 Km², com características peculiares da região Amazônica. Território constituído de florestas entrecortadas por rios e igarapés, sua maior expressão hídrica é o Rio Caraparu que corta o município e é banhado pelo Rio Guamá ao sul. Sua população é formada por negros remanescentes de quilombos da região do Rio Guamá, imigrantes nordestinos (que vieram como mão de obra para a produção de Látex na época áurea da borracha na Amazônia) e por imigrantes japoneses (que chegaram a partir da imigração subsidiada no Brasil). Tem uma taxa de escolarização de 98,3% (IBGE) referente a alunos de 6 a 14 anos, distribuídos em uma rede de 49 escolas (IBGE) de educação infantil e ensino fundamental básico. Dentre as escolas, destacamos a escola onde nosso “alfabetizando” iniciou sua trajetória de escolarização. A Escola existe desde a década de 1990 e nasceu da intenção dos imigrantes japoneses de conceber uma instituição que fortalecesse a cultura nipônica na região, adotando padrões rígidos de disciplina e socialização e incorporando no cotidiano algumas atividades da cultura japonesa.

O aluno o qual passaremos a relatar o percurso até sua alfabetização, tem hoje oito anos, é filho de mãe paraense e pai descendente de japoneses, detalhe que foi determinante na escolha da Escola. Seu processo de alfabetização iniciou-se antes mesmo da escolarização, no ambiente doméstico.

FERREIRO (1999, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária”.

Mesmo sem saber dessa constatação da autora, enriquecíamos esse processo no ambiente doméstico. As paredes dos espaços onde a criança passava mais tempo era forrada com papel 40kg e os lápis coloridos, tesoura, papéis coloridos, sempre ficavam ao seu alcance estimulando o treino da espontâneo da coordenação motora e escrita. À medida que a criança se desenvolvia e dominava o que estava posto, íamos inserindo novos elementos, trechos ilustrados de estórias curtas, figuras de animais que ele gostava, rabiscos feitos por ele e continham figuras das vogais, encontros vocálicos e as primeiras consoantes P, B, M, números acompanhados das quantidades, formas e cores.

Ao acessar a Escola aos quatro anos, a criança já dominava conceitos matemáticos simples, a coordenação motora fina já estava desenvolvida, já lia imagens, encontros vocálicos e algumas consoantes

com sílabas simples. Logo não teve dificuldades de acompanhar o ensino sistematizado. No ano de 2020, ainda com 5 anos iniciou o 1º Ano Fundamental – Anos Iniciais, tendo que adaptar-se com as propostas metodológicas da Escola de seguir o material adotado (conjunto de livros divididos em componentes curriculares), aos quais ele teria que responder as questões objetivas.

Ficava claro a nosso ver, que as formas tradicionais de alfabetização inicial em que os conhecimentos do professor são apenas transmitidos aos alunos sem haver compreensão para algumas dificuldades que a criança enfrenta antes de entender o verdadeiro sentido da leitura e escrita aumenta as chances de tornarmos uma criança alfabetizada que só decodifica e não contextualiza o que lê. Notávamos que as práticas utilizadas baseadas na junção de sílabas simples, memorização de sons decifração e cópia os tornaria um espectador passivo ou receptor mecânico, pois não participaria do processo de construção dos conhecimentos, uma vez que :

A aprendizagem neste domínio-como em qualquer outro – não pode reduzir-se a uma série de habilidades específicas que deve possuir a criança, nem as práticas metodológicas que o professor desenvolve, é preciso dar conta do verdadeiro processo de construção do conhecimento como forma de superar o reducionismo em que tem caído as posturas psicopedagógicas até então. (FERREIRO, 1999, p.35)

Nesta fase continuamos como havia sido desde os primeiros passos, oferecendo ambientes consultivos, agora com silabário completo ilustrado, sílabas complexas, operações matemáticas simples, materiais diversos, como fantasias de personagens, vários tipos de papel, tesoura, cola, embalagens reutilizáveis etc. No mês de março do ano de 2020, ao ser decretado o isolamento por consequência da Pandemia da Covid-19, iniciamos uma nova fase nas estratégias de mediação da alfabetização.

ESTRATÉGIAS DE REFORÇO

Segundo Ferreiro (1996) “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais

assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.”(FERREIRO, 1996, p.24). Tudo mudava a partir da constatação que estávamos vivendo uma Pandemia e diante do cenário desconhecido de como a criança responderia ao isolamento social total, se haveria estagnação nos processos sociais e de aprendizagem, como administraríamos para que os impactos negativos não comprometessem os campos cognitivos em desenvolvimento?

Isto fez nos debruçarmos de forma sistemática no que detectamos como problema desta pesquisa: Como a família contribuiu no processo de alfabetização e escrita em tempos de Pandemia?

Destaco o papel fundamental da família no suprimento de todos os aspectos sociais, materiais e emocionais, de seus filhos especificamente os que estavam na fase de alfabetização.

No caso aqui relatado, respondemos de forma intuitiva transformando nossa casa num território alfabetizador. Conseguimos reservar um espaço específico onde se concentrou os materiais didáticos necessário às consultas. Transformamos o quarto em uma sala de aula com todos os elementos que a compõe, além dos brinquedos. Mudávamos a decoração de acordo com as datas comemorativas, passamos a usar na sala uma estante com livros didáticos, literatura infantil, quando a Escola passou a oferecer aula online com horários e atividades pontuais, adotamos aquele espaço para as atividades comandadas pela professora da turma. A rotina passou a ser de ir para a escola sem sair de casa, acordar, tomar café, tomar banho e participar das aulas por vídeo, mas presumimos que havia a necessidade de incrementar as atividades que naquele momento solitário era “entediante” – como ele definia – Então além da transformação do espaço, a partir do isolamento, tínhamos a oportunidade de estarmos juntos em quase todas as horas. Este fato possibilitou à família promover dentro do ambiente, festinhas embaladas por músicas infantis, com luzes coloridas, ou aproveitar os shows (*Lives*), promovidas pelas emissoras de Televisão para a época, criamos uma rotina de leitura despreocupada como forma de diversão e lazer, que num primeiro momento não teve a intencionalidade pedagógica, mas ao percebermos que as atividades reforçavam e que observamos resultados positivos não esperados, constituiu-se não só como formas de aprendizagem mas como objeto de investigação que buscava respostas na ciência para os “curiosos” casos de produção e reprodução de múltiplas linguagens.

A REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM

A partir de então como reforço das aulas online, tínhamos nas paredes da “sala consultiva”, literatura diária, filmes relacionados a livros que líamos e como resultado a produção e reprodução espontânea pela criança, agora leitor. As leituras eram escolhidas pela criança mediadas ora pelo pai, ora pela mãe, sempre usando o recurso de vozes diferenciadas para os personagens dos livros. Isso resultava num terceiro momento que era de produção espontânea da criança. A partir dos livros lidos, a criança reproduzia o que tinha ouvido em pequenas “peças de teatro” (na imaginação dela) usando como personagens e público seus brinquedos; criava livros; histórias em quadrinhos; construía ambientes da história com os brinquedos; construía brinquedos sobre a história; incorporava personagens usando fantasias que mais lhe chamavam a atenção. Ele vivia as histórias lidas incorporando um personagem por dia, as vezes por semana, já acordava pensando no personagem que viveria aquele dia.

As representações foram se concretizando em imagens irregulares, desenhos, letras e livros “lidos” por ele e escrito pelos pais, ilustrados por ele, até a consolidação e o domínio da escrita e leitura independente, Diante do que víamos e participávamos como atores coadjuvantes no processo de alfabetização dele ao mesmo tempo buscávamos estudos que pudessem responder as nossas inquietudes como pais e pedagogos e assim consolidamos o entendimento que a leitura e a escrita requerem sobretudo um olhar atento: à mobilização e à conexão do conhecimento, à vida, às necessidades dos sujeitos que aprendem e dos sujeitos que ensinam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constata-se que a literatura supera a dimensão técnica no percurso formativo de um alfabetizando e passa a ser a própria relação do sujeito com o mundo em que ele está sendo inserido. O período de Pandemia nos mostrou entre tantas coisas que as dimensões da leitura e da escrita podem se dar também com a quebra de paradigmas escolares. Ou seja, o entendimento de alfabetização está muito além de um conteúdo de aprendizagem, ao contrário, descortina-se um mundo

polifônico, de multivozes, representadas nas figuras selecionadas em meio as muitas produções realizadas em casa.



Imagem 1- Super Álcool em Gel

Fonte: Acervo da Pesquisa



Imagem 2: Vitória

Fonte: Acervo de pesquisa

As duas imagens descrevem a representação de uma ansiedade da criança em busca de uma solução para o problema da Pandemia do covid 19. Segundo a descrição da criança, a imagem 1, representa a luta insistente do “Super álcool em gel e da Super água com sabão” para derrotar o corona vírus, e na sequência os dois saem vitoriosos e o Corona vírus muito “chateado e fraco” morre!.

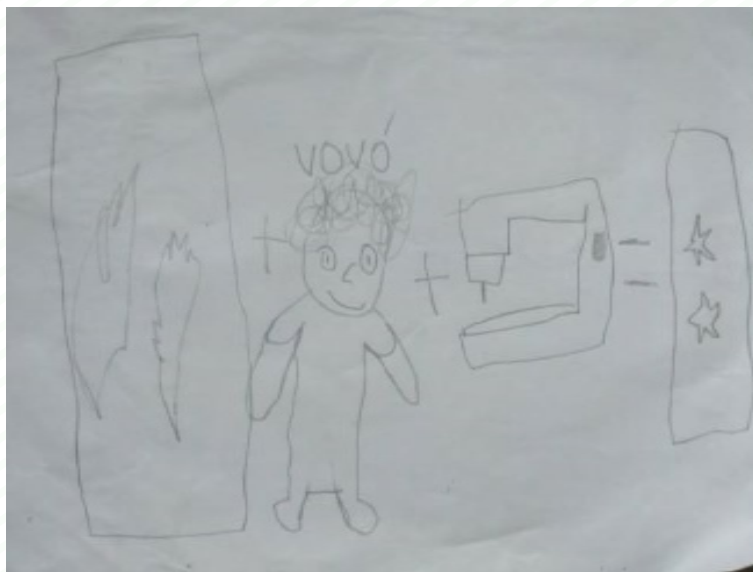


Imagem 3: Bilhete para vovó

Fonte: Acervo de pesquisa

Na imagem 3, ainda sem o domínio da escrita, enviou este “Bilhete” á sua avó: segundo sua descrição - ele tinha certeza que ela entenderia -*“Vovó, percebi que meu cobertor está rasgado, você poderia usar sua máquina de costura e por dois remendos?..”*



Imagem 4- Primeiro livro
Fonte: Acervo de Pesquisa



Imagem 5 - Primeiro livro
Fonte: Acervo de Pesquisa



Imagem 6 - Primeiro livro

Fonte: Acervo de Pesquisa

Nas imagens 4 e 5 e 6, a criança dominava palavras soltas e letras bastão, mas narrou o texto do livro pediu que a mãe escrevesse. Nota-se também a alfabetização matemática, na numeração das páginas.

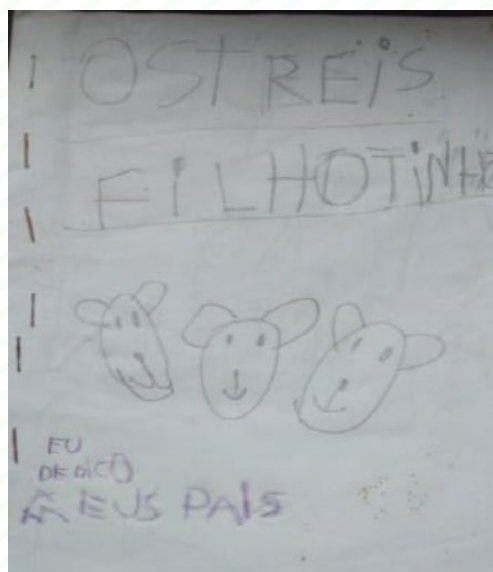


Imagem 7 – Os três filhotinhos

Fonte: Acervo de Pesquisa

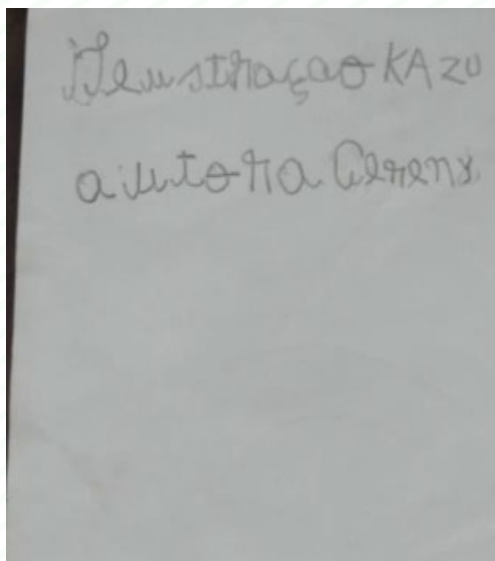


Imagem 8 – Folha de rosto

Fonte: Acervo de Pesquisa

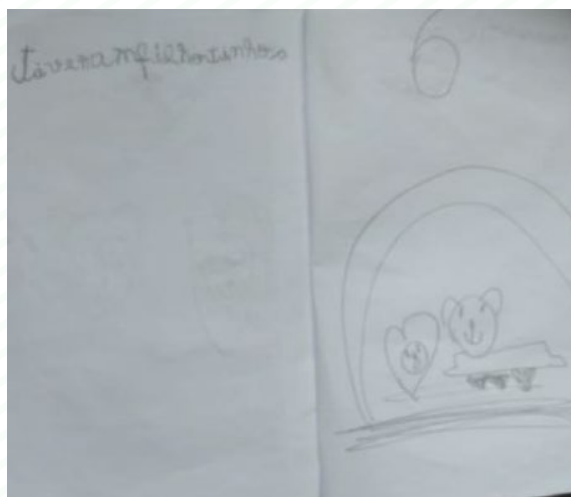


Imagem 9 – A escrita cursiva

Fonte: Acervo de Pesquisa

Aqui, consolida-se a independência da criança no domínio da língua escrita, este "livro" foi totalmente de autoria dele, observa-se que apesar da ortografia não se apresentar perfeita, já há domínio das múltiplas linguagens e observação dos formatos de escrita de um livro com vários elementos : Título em destaque, capa, dedicatória, nome

do autor, do ilustrador, capítulos, ilustração, tudo numa sequência lógica com páginas numeradas.

Como podemos observar a alfabetização assume um objetivo neste momento de garantia de direito a comunicação livre, a voz, a palavra a possibilidade de livre expressão dando nos o entendimento que de fato a língua é inerente e constituinte o ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo foi possível compreender que a leitura e escrita se constituem em um processo construtivo de aprendizagem, não devendo encerrar-se em um método pedagógico. Relatamos aqui o que vivenciamos como pais acompanhantes do processo de apropriação da linguagem escrita por uma criança na fase inicial de alfabetização em plena Pandemia da Covid-19, vimos a partir dessa experiência uma valiosa oportunidade de refletir sobre os processos adotados nas escolas, a participação dos pais na escolarização dos filhos, a importância que o ambiente doméstico tem no processo, etc. Também Identificamos novos caminhos e novas possibilidades de estar mais próximos, de proporcionar um ambiente personalizado para nossos filhos concebendo um ambiente doméstico como um despertador primário na formação de leitores e escritores e a necessidade de um olhar mais atento acerca do universo que circunda, alimenta e constitui a vida dos sujeitos inseridos nos processos de alfabetização.

A alfabetização não se encerra nos fonemas, grafemas, sintaxe, ortografia e formas convencionais de escrever e ler, apresenta-se antes de tudo, na constituição do ser e estar no mundo. Assim não esgotamos aqui a possibilidade de descobertas deste campo fértil de posturas que é a alfabetização, que pode promover rupturas de modelos e paradigmas que por vezes nos é apresentado como consensos reducionistas antepostos e sobrepostos sobre ensinar, aprender, alfabetizado, analfabeto. Importa sim, insistir nas concepção da alfabetização como projeto educacional perene, da família, da escola e da sociedade que desafie e supere o analfabetismo, o analfabetismo funcional, o baixo letramento, a partir da revisão da nossa postura pedagógica.

REFERÊNCIAS

CARVALHO , Marlene : Alfabetizar e Letrar: Um diálogo entre a Teoria e a Prática.12.ed.Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2015.

FARACO, Carlos Alberto . Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin-São Paulo: **Parábola editorial**, 2009.

FERREIRO, Emilia. Alfabetização em Processo. São Paulo: **Cortez**, 1996.

FERREIRO, Emilia. Reflexões Sobre Alfabetização. 26 ed. São Paulo: **Cortez**, 2011.

FERREIRO, Emilia; Teberosky, Ana. A Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: **Artmed**, 1999.

PIMENTEL, Márcia. O papel da família na aprendizagem da criança. Disponível em: http://multirio.rio.rj.gov.br/familia/index.php?option=com_k2&view=item&id=103:opapelda-fam%C3%ADlia-na-aprendizagem-da-crian%C3%A7a&Itemid= - acesso em 15 de setembro 2022.

LACERDA, Mitsi Pinheiro de Quando falam as professoras alfabetizadoras - RJ: **DP&** 2002. SMOLKA. A.L.B A criança na fase inicial da escrita: Alfabetização como um processo discursivo- São Paulo – **Cortez**, 2013

SILVA, E. A.; DELGADO, O. C. O processo de ensino-aprendizagem e a prática docente: reflexões. Revista espaço acadêmico. Fevereiro de 2018. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2019/04/revista-espaco-academico-v08-n02-> - Acesso em: 15 de setembro de 2022.

SOARES, Magda . Alfabetização : A questão dos métodos1. Ed. 2ª reimpressão-São Paulo: **Contexto**, 2018.